

## A PREDESTINAÇÃO E O LIVRE ARBÍTRIO NA EPÍSTOLA AOS ROMANOS

---



*“Sabemos que Deus faz com que todas as coisas concorram para o bem daqueles que o amam, dos que são chamados segundo o seu propósito. Pois os que conheceu por antecipação, também os predestinou para serem conformes à imagem de seu Filho, a fim de que ele seja o primogênito entre muitos irmãos. E os que predestinou, a eles também chamou; e os que chamou, a eles também justificou; e os que justificou, a eles também glorificou”* (Romanos 8.28-30; cf. Efésios 1.3-6 – Almeida Século 21)

### 1. INTRODUÇÃO

Quando o apóstolo Paulo escreveu sua epístola à Igreja em Roma, ele estava na cidade de Éfeso, ao final de sua terceira viagem missionária. Naquela região não havia mais campo missionário para Paulo trabalhar, visto que ele já havia pregado o Evangelho de Jesus em todo aquele território, durante os dezesseis anos em média que ele passou ali.

Por não haver mais nenhuma região da bacia do Mediterrâneo a ser alcançada pela mensagem do Evangelho, o apóstolo Paulo decidiu pregar as Boas Novas de Jesus na Espanha, onde o Evangelho ainda não havia chegado. O plano de Paulo era passar por Jerusalém, chegar a Roma, e de lá partir para a Espanha. Porém, o apóstolo Paulo sabia que ele precisaria do apoio de alguma igreja em seus planos missionários. E a igreja mais próxima da Espanha, mais forte, mais bem localizada estrategicamente e que teria condições de apoiá-lo financeira e espiritualmente, era a Igreja em Roma.

Pelo fato de Paulo não ter fundado a Igreja em Roma, ele não era conhecido nela – a não ser de nome, mesmo que lá estivessem várias pessoas<sup>1</sup> que o conhecia de outros lugares. Por causa disso o apóstolo Paulo resolveu escrever uma carta à Igreja em Roma, com objetivos de apresentar-se, de apresentar seus planos missionários e expor o Evangelho que ele pregava, visto que a igreja só apoiaria um missionário que pregasse o Evangelho.

Por não ser conhecido pela igreja, a não ser de fama, de nome, o apóstolo Paulo, em sua carta, fez uma exposição detalhada daquilo que ele acreditava como sendo as doutrinas do Evangelho. Paulo então escreveu a carta de uma maneira mais sistemática, onde ele expos as partes fundamentais do Evangelho do Senhor Jesus Cristo. Ao mesmo tempo o apóstolo Paulo sabia que lá em Roma, existiam muitos judeus que se converteram ao cristianismo. E havia muita boataria entre os judeus a respeito de Paulo. Sobre ele repousavam acusações de que ele era um apóstata, que ele era um judeu mestiço e não legítimo, que ele não conhecia bem a religião judaica, que ele pregava contra as instituições de

---

<sup>1</sup> No final da epístola aos romanos o apóstolo Paulo se lembra de saudar 27 pessoas (cf. Romanos 16.3-15).

Israel, que ele quebrava a lei de Moisés e que Paulo era uma ameaça para os judeus. Esse tipo de boato corria entre todas as comunidades judaicas contra o apóstolo Paulo. Além disso muitos judaizantes afirmavam que Paulo não era um apóstolo legítimo de Jesus, uma vez que ele não era um dos doze discípulos escolhidos por Jesus. E Paulo sabia que, no momento em que ele aparecesse em Roma, todas essas questões seriam levantadas. Sendo assim, o apóstolo Paulo fez uma exposição do Evangelho que ele pregava, mas já respondendo os questionamentos que os romanos poderiam lhe fazer.

Ao fazermos um esboço dos primeiros capítulos da epístola do apóstolo Paulo, à Igreja em Roma, podemos elencar:

<b>CAPÍTULO</b>	<b>ESBOÇO</b>
Capítulo 1	Por causa do pecado, todos os gentios estão perdidos.
Capítulo 2	Por causa do pecado, todos os judeus estão perdidos. Os privilégios que eles receberam, através da Antiga Aliança, não os isentam de uma justificação mediante a fé na pessoa do Senhor Jesus Cristo.
Capítulo 3	Judeus e gentios estão perdidos, mas Deus oferece salvação a todos pela fé em Cristo Jesus.
Capítulo 4	O exemplo de Abraão e Davi, dois judeus que foram salvos pela fé no Messias e não pela Lei.
Capítulo 5	Comparação entre a pessoa de Adão e a pessoa de Cristo, e os efeitos da salvação e da justificação pela fé.
Capítulo 6	Libertação do pecado, mediante a união com Cristo.
Capítulo 7	Libertação da Lei e o propósito dela no plano de salvação.
Capítulo 8	Vida no Espírito, isto é, como é que pelo Espírito Santo nós podemos viver aqui neste mundo.

Nos capítulos de 9 a 11, o apóstolo Paulo trata do lugar de Israel no plano da salvação da humanidade e da entrada dos gentios na igreja. Para Paulo, ainda há um futuro para a nação de Israel, mas por enquanto é o tempo dos gentios. São três capítulos extremamente desafiadores na sua compreensão, especialmente porque eles falam muito sobre predestinação, eleição, propósito e soberania de Deus, com suas respectivas relações com o livre arbítrio do ser humano.

O presente estudo se propõe a analisar a tensão existente em alguns trechos desses capítulos, buscando produzir uma síntese de pensamento que se harmonize exegeticamente com as Sagradas Escrituras. Que o Espírito Santo nos ilumine e nos forneça a porção necessária de entendimento, para a correta interpretação das Sagras Escrituras.

## 2. PALAVRAS-CHAVE

✚ **Eleição.** Do grego, ἐκλογή (*eklogé*), significa “*escolha, seleção*”. Os crentes foram “escolhidos” antes da fundação do mundo (cf. 2Timóteo 1.9), em Cristo (cf. Efésios 1.4), para a adoção (cf. Efésios 1.5); as boas obras (cf. Efésios 2.10); a conformidade com Cristo (cf. Romanos 8.29); a salvação dos enganados do Anticristo e o destino dos enganados (2Tessalonicenses 2.13); a glória eterna (cf. Romanos 9.23). A fonte da “eleição” dos crentes é a graça de Deus, não a vontade humana (cf. Efésios 1.4-5; Romanos 9.11; 11.5). Eles são dados por Deus Pai a Cristo como o fruto da sua morte, tudo sendo sabido de antemão e previsto por Deus (cf. João 17.6; Romanos 8.29). Ainda que a morte de Cristo seja suficiente para todos os homens e eficaz no caso dos “eleitos”, não obstante os homens são considerados responsáveis, sendo capazes do querer e o poder de escolher.

✚ **Predestinar.** Do grego, προορίζω (*proorizō*), significa “*determinar antes, preordenar*”. Porém, é preciso ficar claro que a definição de predestinação é diferente do conceito de determinismo<sup>2</sup>.

## 3. A PREDESTINAÇÃO E SUA RELAÇÃO COM A SALVAÇÃO ETERNA<sup>3</sup>

A salvação não é baseada em predestinação. Em vez disso, a predestinação é baseada em salvação. Muitas pessoas torcem as coisas neste momento. Alguns cristãos veem a predestinação como a chave para a salvação. Creem que a salvação se dá por causa de uma decisão irrevogável ou “decreto” que o Deus Soberano fez antes da criação do mundo. Mas o que a Bíblia diz? Ela não ensina que somos salvos por causa de um decreto eterno de Deus. Essa é uma maneira distorcida de compreender a predestinação. Pelo contrário, somos salvos pela graciosa provisão de salvação que Deus ofereceu em favor de todas as pessoas. Sabemos que Jesus Cristo “*morreu por todos, para que os que vivem não vivam mais para si mesmos, mas para Aquele que morreu e ressuscitou por eles*” (cf. 2Coríntios 5.15).

Biblicamente, a predestinação significa que aqueles que confiam totalmente em Jesus Cristo para a salvação são “pré-destinados” para serem conformes à sua imagem enquanto andarem na luz. “*Para aqueles que de antemão conheceu, também os predestinou para serem conformes à imagem de seu Filho, a fim de que ele seja o primogênito entre muitos irmãos*” (Romanos 8.29). Em outras palavras, a predestinação é a predeterminação do destino para o qual a salvação conduz. Salvação significa a restauração da imagem de Deus em nós, e em última análise, isso implica também na “*restauração universal, que Deus anunciou há muito tempo através de seus santos profetas*” (cf. Atos 3.21).

<sup>2</sup> **Determinismo.** Princípio segundo o qual tudo no universo, até mesmo a vontade humana, está submetido a leis necessárias e imutáveis, de tal forma que o comportamento humano está totalmente predeterminado pela natureza, e o sentimento de liberdade não passa de uma ilusão subjetiva (Dicionário Houaiss).

<sup>3</sup> SNYDER, Howard. *Predestination Second — Love First!*. Trad. José Ildo Swartele de Mello. Disponível em: <http://howardsnyder.seedbed.com/2013/04/18/predestination-second-love-first>. Acesso em 05 de maio 2013

Biblicamente, a predestinação não se refere a uma particular vontade de Deus para a salvação de determinadas pessoas em particular, mas sim a certeza de que o soberano e gracioso plano de salvação de Deus na história, em que a salvação é oferecida a todos, finalmente e plenamente se cumprirá em justiça, juízo e misericórdia (...)

O amor e a graça de Deus vêm primeiro – a vontade de Deus é que todos sejam salvos. Predestinação garante o destino final para todos os que aceitam e permanecem caminhando fielmente na graça de Deus: “*Se andarmos na luz...*” (cf. 1João 1.7).

Graças a Deus que por intermédio de Jesus Cristo e pelo auxílio do Espírito Santo somos capazes de saber o destino para o qual nosso fiel do Salvador nos conduz. E graças a Deus estamos sendo transformados mais e mais à imagem de Jesus Cristo enquanto nós seguimos neste caminho de esperança que resultará finalmente em novos céu e terra, ou seja, na cura e restauração de toda a criação.

#### 4. O AMOR DE DEUS POR JACÓ E O DESPREZO DELE EM RELAÇÃO AO IRMÃO DE JACÓ, ESAÚ.

*“Porque a palavra da promessa é esta: Por este tempo virei, e Sara terá um filho. E não somente isso, mas também a Rebeca, que concebeu de Isaque, nosso pai (pois os gêmeos ainda não tinham nascido, nem praticado o bem ou o mal, para que o propósito de Deus segundo a eleição permanecesse firme, não por causa das obras, mas por aquele que chama), se disse: O mais velho servirá ao mais novo. Como está escrito: Amei a Jacó, mas rejeitei a Esaú.”* (Romanos 9.9-13; cf. Malaquias 1.2-3 – Almeida Século 21)

Sabemos que “*Deus não trata as pessoas com base em preferências*” (cf. Atos 10.34) e nEle “*não há parcialidade*” (cf. Romanos 2.11). Sendo assim, como entender o desprezo de Deus em relação a Esaú? A resposta é simples: Através da compreensão de um dos atributos de Deus: a **presciência**. Por meio da presciência, Deus tem o conhecimento de tudo o que acontecerá, mesmo dos atos livres.

Deus fez promessas a Abraão. Em seguida, baseado em Sua presciência, optou por quem deveria herdá-las. E Esaú não estava entre as opções de Deus para o cumprimento do Seu plano de salvação. Ao pé da letra, o texto original traz “*amei... odiei*”, que é uma forma hebraica de dizer “*preferi... desprezei*” (cf. Gênesis 29.31-33) ou “*escolhi... rejeitei*”.

Isaque teve dois filhos, mas somente um recebera a promessa. Isso fora determinado antes do nascimento deles (cf. Gênesis 25.23). Deus, de antemão, já conhecia o coração de cada um dos gêmeos. Ele já sabia quais seriam as escolhas que eles, livremente, fariam ao longo de suas vidas na terra. Deus já sabia que Esaú, a qualquer momento da vida, seria capaz de abrir mão – por livre escolha – do seu “direito de primogenitura”, em troca de um prato de comida. E no período do Antigo Testamento, o “direito de primogenitura” tinha um grande valor.

Por meio do “direito de primogenitura”, o filho primogênito gozava de certos direitos e privilégios que eram negados aos outros filhos, pois era o principal herdeiro, e aquele que **daria continuação ao**

**nome da família.** Na distribuição da herança, ele receberia o dobro da porção de cada um dos outros. Além disso, esperava-se que o filho mais velho **fosse o líder espiritual da família**, bem como o **administrador das propriedades e interesses do grupo**.

Esaú decidiu não ser aquele que daria continuidade ao nome da família de Deus, iniciada em Abraão, ele desistiu de ser o líder espiritual da família e abriu mão de ser o administrador das propriedades e dos interesses do seu grupo familiar. Deus, sabendo por antecipação, que Esaú não teria nenhum compromisso com a aliança abraâmica e desprezaria o seu direito de primogenitura (cf. Gênesis 25.34), escolheu o seu irmão Jacó, para futuramente se tornar Israel (cf. Gênesis 38.28), perpetuando esse nome em todas as gerações.

Embora Deus possa ter escolhido Jacó porque já conhecia o seu coração por antecipação (cf. Romanos 8.29), o ponto aqui é que Deus tem o direito e a liberdade de escolher quem lhe agrada. O Senhor Jesus ilustrou essa verdade através da **“parábola dos trabalhadores”** (cf. Mateus 20.1-15).

Não há injustiça nas escolhas de Deus uma vez que *“todos pecaram e estão destituídos da glória de Deus”* (cf. Romanos 3.23 // Josué 6.21; 7.24-25). A liberdade de escolha de Deus é um ato soberano da Sua vontade, e que não é passível de ser interpelada. Sobre isso o apóstolo Paulo escreveu:

*“Mas quem és tu, ó homem, para argumentares com Deus? Por acaso a coisa formada dirá ao que a formou: Por que me fizeste assim? Ou o oleiro não tem poder sobre o barro, para com a mesma massa fazer um vaso para uso honroso e outro para uso desonroso?”* (Romanos 9.20-21)

O ser humano enxerga apenas a aparência exterior das pessoas, mas o Senhor nosso Deus, enxerga o coração (cf. 1Samuel 16.7). Como bem disse Jó, o ser humano tem o mau hábito de questionar Deus sobre coisas que ele não entende, coisas que são maravilhosas demais e que ele não compreende (cf. Jó 42.3).

## 5. O ENDURECIMENTO DO CORAÇÃO DE FARAÓ ATRAVÉS DA AÇÃO DE DEUS.

*“Pois a Escritura diz ao faraó: Para isto mesmo te levantei: para mostrar em ti o meu poder, e para que o meu nome seja anunciado em toda a terra. Portanto, ele tem misericórdia de quem quer e endurece a quem quer.”* (Romanos 9.17-18)

Deus tem o direito de escolher a quem Ele deseje. Porém, a escolha de Deus de indivíduos não é arbitrária, mas baseada na resposta que a pessoa dá a Deus (cf. Êxodo 5.1-2). Faraó foi levantado por Deus com a finalidade de mostrar o Seu poder e para que Seu nome fosse anunciado por toda a terra (cf. Êxodo 9.16). Deus endureceu o coração de Faraó claramente (cf. Êxodo 9.12; 10.27; 11.10), mas não até que o próprio Faraó tivesse se endurecido várias vezes (cf. Êxodo 7.22; 8.15; 8.32). Em outras palavras, Deus elevou uma pessoa particular para “lutar” contra Ele; mas aquela pessoa também fez a sua escolha que Deus pré-concebia, antes que o punisse com um coração duro continuamente (cf.

Romanos 1.24-25; 2Tessalonissences 2.10-12). Em resumo, **Deus nos escolhe com base em nossas escolhas futuras.**

O Antigo Testamento afirma ambos, a soberania de Deus (cf. Deuteronômio 29.4) e a responsabilidade humana (cf. Deuteronômio 5.29), assumindo que Deus é o soberano bastante para assegurar ambos. O ponto é que Deus fez as pessoas, e pode fazer com elas o que deseje, ainda que a predestinação dEle não seja arbitrária. A soberania de Deus significa que Ele é livre para escolher em uma base diferente da aliança étnica com Israel (cf. Romanos 3.1-8); Ele pode escolher baseado (pré-conhecimento) na fé em Cristo (cf. Romanos 4.11-13; 8.29-30). Esse exercício da liberdade de Deus não afetou a própria responsabilidade que o Faraó tinha por suas escolhas. Deus não mudou a tendência natural de Faraó, nem forçou Faraó a agir contra a sua vontade.

As decisões de Deus, em relação aos seres humanos, são tomadas tendo por base as próprias escolhas dos seres humanos. Pois eles, *“dizendo-se sábios, tornaram-se loucos e substituíram a glória do Deus incorruptível por imagens semelhantes ao homem corruptível (...). É por isso que Deus os entregou à impureza sexual, ao desejo ardente de seus corações, para desonrarem seus corpos entre si; pois substituíram a verdade de Deus pela mentira e adoraram e serviram à criatura em lugar do Criador (...). Por isso, Deus os entregou a paixões desonrosas. Porque até as suas mulheres substituíram as relações sexuais naturais pelo que é contrário à natureza... Assim, por haver rejeitado o conhecimento de Deus, foram entregues pelo próprio Deus a uma mentalidade condenável para fazerem coisas que não convêm.”* (Romanos 1.22-26, 28 – Almeida Século 21).

Deus ainda endurece e amolece corações. Ele se revela a nós em Cristo. Aqueles que escolhem crer são amolecidos, e respondem positivamente ao Senhor. Aqueles que escolhem não crer são endurecidos, e recusam-se a responder positivamente. Cada um escolhe livremente sua reação à auto-revelação de Deus. E cada um, assim como o Faraó, é totalmente responsável por sua própria escolha. Possuir um “coração de pedra”, insensível à vontade de Deus, sempre foi algo passível da nossa própria natureza, corrompida pelo pecado. O desejo de Deus é substituir esse coração de pedra por um “coração de carne”, que seja sensível ao Seu toque, à Sua Palavra, ao Seu amor (cf. Ezequiel 36.26).

## 6. A SOBERANIA DE DEUS E A INCREDELIDADE DE ISRAEL NA JUSTIÇA DIVINA

*“Irmãos, o desejo do meu coração e a minha súplica a Deus em favor de Israel é que ele seja salvo. Pois, não reconhecendo a justiça de Deus e procurando estabelecer a sua própria, não se sujeitaram à justiça de Deus.”* (Romanos 10.1, 3)

Na compreensão que o apóstolo Paulo tem do Evangelho, judeus e gentios, juntos, formam o povo de Deus, com base na justiça recebida pela fé em Jesus Cristo e na dádiva do Espírito Santo. Em sua epístola, o apóstolo trata da tensão entre a fidelidade de Deus (ao unir judeus e gentios como um povo) e a infidelidade judaica (a maioria dos judeus não tendo reagido positivamente às boas-novas do Senhor Jesus Cristo).

Um dos atributos de Deus é a soberania. E por ser soberano, Deus não se torna refém da liberdade humana (cf. Gênesis 2.16-17 // 3.6) para cumprir Seus propósitos divinos. De certa forma, podemos dizer que Ele sempre tem um plano “B” (cf. Gênesis 3.15; João 1.11-12; Romanos 11.4 // 1Reis 19.18). Aliás, Deus nos usa, não **por causa** de nós, mas **apesar** de nós. Para Deus, nossos talentos, diplomas e graduações não pesam em Suas escolhas; Deus foca a disposição do nosso coração.

O apóstolo João, ao escrever a sua narrativa do Evangelho do Senhor Jesus, declarou: *“Ele [Jesus] veio para o que era seu [Israel], mas os seus [maioria dos judeus] não o receberam. Mas a todos que o receberam [alguns judeus e a maioria dos gentios], aos que creem no seu nome, deu-lhes a prerrogativa de se tornarem filhos de Deus”* (João 1.11-12).

Apesar da rejeição judaica, a Palavra de Deus não falhou; é necessário entender a eleição conforme os novos termos de um remanescente e da misericórdia de Deus para com os gentios. Apesar das aparências, Deus não rejeitou o seu antigo povo; eles vacilaram, mas não fracassaram totalmente. Afinal, mesmo após Esaú ter aberto mão do seu “direito de primogenitura”, ele continuou sendo filho de Isaque e irmão de Jacó (cf. Gênesis 33.1-4; Deuteronômio 23.7).

A posição cristã tradicional em relação ao povo judeu é chamada **substitucionismo**. É o ensino de que a Igreja substituiu Israel como o povo da Aliança de Deus. A convicção central do substitucionismo é que ninguém é salvo fora da fé pessoal em Jesus Cristo. Mas isso não quer dizer que a Igreja tomou o lugar de Israel no plano de Deus. E nem que a Igreja herdou as bênçãos que Deus prometeu a Israel. Muito menos quer dizer que os judeus foram rejeitados como “povo de Deus”, e as promessas da aliança que lhes foram feitas, foram revogadas. Pelo contrário, o apóstolo Paulo afirma que *“o endurecimento veio em parte sobre Israel, até que chegue a plenitude dos gentios; e assim todo o Israel será salvo, como está escrito: O Libertador virá de Sião e desviará de Jacó as impiedades; e esta é a minha aliança com eles, quando eu tirar os seus pecados.”* (Romanos 11.25b-27).

Os cristãos de origem judaica estavam presentes em número significativo nas igrejas. Eles agora representavam o remanescente fiel (cf. Romanos 9.27) do qual o Antigo Testamento fala tão frequentemente (cf. Sofonias 3.13). Em vez de rejeitar Israel, Deus novamente mostrou sua graça extraordinária em relação a esse povo, preservando um remanescente dEle dentro da Igreja de Jesus Cristo. E isso para que se cumprisse uma profecia mencionada no livro do profeta Jeremias:

*“Mas esta é a aliança que farei com a casa de Israel depois daqueles dias, diz o SENHOR: Porei a minha lei na sua mente e a escreverei no seu coração. Eu serei o seu Deus, e eles serão o meu povo.”* (Jeremias 31.33)

A verdade é que a Igreja substituiu o **Israel racial** como o povo de Deus. No entanto, há uma aceitação, por parte de Deus, de um **Israel espiritual**, através dos cristãos de origem judaica, que haviam respondido com fé à promessa de Deus em Cristo. Esses cristãos agora servem como a clara

promessa de Deus de redimir Seu povo antigo em seu próprio tempo de colheita. Embora a rejeição do Israel racial seja o juízo divino sobre a incredulidade, o Israel espiritual é abençoado.

Em sua epístola aos romanos o apóstolo Paulo utilizou um relato contido nas literaturas judaica e greco-romana: o enxerto de árvores. Às vezes, um ramo de uma árvore de azeitona selvagem era enxertado em uma árvore de azeitona doméstica que estava produzindo fruta pequena, em uma tentativa de fortalecer ou salvar a vida da árvore. Os galhos originais improdutivos seriam podados para fora, e o enxerto novo inserido na árvore. Paulo lembra os seus leitores de que a raiz e tronco da salvação são judaicos (o Senhor Jesus é judeu). A atual rejeição de Israel, enquanto nação, é simplesmente a quebra – motivada pela incredulidade – de ramos judeus daquela árvore que ainda está em pé, e o enxerto dos gentios. Ainda assim, a rejeição de Israel é temporária (cf. Romanos 11.25-32). Os gentios são os ramos, mas a raiz na qual eles foram enxertados é judaico. Um dia Deus agirá para restaurar os ramos naturais.

Sendo assim, os gentios não devem menosprezar orgulhosamente os judeus, agora que desfrutam as bênçãos abraâmicas (cf. Romanos 11.17-24). Israel está parcialmente endurecido no presente (cf. Romanos 11.25), mas será totalmente salvo no futuro, de acordo com a promessa divina. O propósito final de Deus no exercício do Seu plano soberano é tornar Sua misericórdia disponível a todos os homens (cf. Romanos 11.28-32).

## BIBLIOGRAFIA

FEE, Gordon D. & STUART, Douglas. *Como ler a Bíblia livro por livro: Um guia de estudo panorâmico da Bíblia*. Trad. Thomas Neufeld de Lima e Daniel Hubert Kroker. São Paulo: Vida Nova, 2013. 527 p.

KEENER, Craig S.. *Comentário bíblico Atos: Novo Testamento*. Trad. José Gabriel Said. Belo Horizonte: Atos, 2004. 863 p.

PINTO, Carlos Osvaldo Cardoso. *Foco e desenvolvimento do Novo Testamento*. São Paulo: Hagnos, 2008. 631 p.

RICHARDS, Lawrence O.. *Comentário histórico-cultural do Novo Testamento*. Trad. Degmar Ribas Júnior. Rio de Janeiro: CPAD, 2007. 547 p.

VINE, W. E.. *Dicionário Vine: o significado exegético e expositivo das palavras do Antigo e do Novo Testamento*. Trad. Luís Aron de Macedo. Rio de Janeiro: CPAD, 2002. 1115 p.